

O HETERÓNIMO FERNANDO PESSOA

Fernando Cabral Martins

Dada a distância temporal que os separa, Jorge de Sena tem já uma perspectiva clara sobre a importância de Pessoa, mas os diferentes ensaios que escreve sobre ele, alguns deles conferências ou intervenções em colóquios que contêm uma dimensão espectacular, carregadamente retórica, nada têm de previsível. Não são panegíricos nem comentários, nem exercícios de distanciamento nem esforços de contextualização, antes a concentrada escuta de um poeta por outro poeta.

1. Um autor fictício.

Em 1942, no prefácio do primeiro volume da poesia de Pessoa na *Ática*, João Gaspar Simões e Luís de Montalvor referem que “os heterónimos são qualquer coisa de estrutural na personalidade de Fernando Pessoa” (PESSOA, 1942: 14). Assim, a concepção de “interior dividido” e “eu vazio” de que partilha Jorge de Sena é, na verdade, uma evolução do entendimento presencista segundo o qual a existência dos heterónimos tem a ver com certas características psíquicas de Fernando Pessoa. Não que essa concepção – que radica os heterónimos numa certa “natureza” mental – advenha de afirmações do próprio Pessoa, que apenas afirma ir mudando de personalidade pela técnica do desdobramento, ou considera existir em si uma “pulverização da personalidade” (PESSOA, 2012: 122), no estrito contexto do trabalho poético.

Em 1977, numa entrevista a Luciana Stegagno Picchio, Jorge de Sena delinea ainda a relevância do contexto histórico: “tudo se conjugou para Pessoa ser esta coisa rara: um inglês fictício, sem realidade alguma, criando em português uma série de poetas igualmente fictícios, com toda a realidade da grande poesia” (SENA, 1982b: 169). E, nesta frase, que se trate de “grande poesia” parece uma conclusão improvável, dado que as premissas parecem apontar para um poeta vazio: “um inglês fictício”, criador em português de poetas “igualmente fictícios”. Ficção sobre ficção, nada sobre coisa nenhuma. De notar, neste ponto, que a posição crítica de Jorge de Sena sobre Pessoa aparece desde logo como ambígua, ou paradoxal. Ao mesmo tempo que o considera um poeta “sem realidade alguma”, reconhece nele um criador de “grande poesia”. É, aliás, uma ambiguidade que se encontra também de Eugénio de Andrade, o qual pensa que, sendo “sem corpo” a poesia de Pessoa, e uma vez que a sua própria só poderia ser uma poesia do corpo, decide escrever “de costas para ele”. Mas Eugénio de Andrade reconhece que a leitura de Pessoa é para ele

primordial, e, quando cita os seus “encontros *fatais*”, cita o seu nome (*apud* BERTOLAZZI, 2010: 220-222).

Temos aqui, em resumo, um Pessoa cuja personalidade contém a chave da própria existência de autores fictícios. Estes serão alguma coisa mais do que simples pseudónimos ou simples personagens, porque existem, com uma qualquer realidade psicológica, *no interior* de Pessoa, ou, pelo menos, correspondem a um modo psiquicamente conformado, ou até, dir-se-ia, geneticamente determinado. Só que a esta posição originalmente presencista, que aceita nos seus termos básicos, Jorge de Sena acrescenta alguma coisa de decisivo, que é considerar a personalidade do autor (o ortónimo) como, ela mesma, “fictícia”. Em suma, a relação crítica que Jorge de Sena estabelece com Pessoa ao longo de quatro décadas parte da intuição de que o ortónimo é tão imaginário como os heterónimos. Mais uma vez, ficção sobre ficção.

Num dos seus primeiros artigos, “Carta a Fernando Pessoa”, em 1944, Sena escreve que todo e qualquer escrito de Pessoa é heteronímico, a começar pelos que assina com o seu próprio nome (SENA, 1982a: 28). E no seu último texto pessoano, de 1978, “O ‘Meu Mestre Caeiro’ de Fernando Pessoa e Outros Mais”, afirma que os heterónimos deixaram Fernando Pessoa vazio, tanto que ele acabou por se tornar heterónimo de si mesmo: “os grandes heterónimos, em pé de igualdade com o vácuo deixado por eles, que era, também heteronimicamente, o mesmo Fernando Pessoa” (SENA, 1982b: 211). A meio caminho, em 1964, numa “Introdução ao *Livro do Desassossego*” que resulta de uma tentativa frustrada de edição do *Livro*, essa ideia tem uma formulação ainda mais drástica: “Fernando Pessoa pulverizou-se nas suas virtualidades” (SENA, 1982a: 182). Aquele “vácuo” que Pessoa sente em si próprio, segundo o artigo de 1944 (SENA, 1982a: 27), torna-se, literal e tragicamente, numa morte vivida.

2. A incapacidade de realização estética.

Se quisermos eleger um texto de elogio crítico como exemplo, talvez o mais perfeito seja o da conferência “Fernando Pessoa, Indisciplinador de Almas”, realizada no Porto em 1946 – ou seja, no preciso ano em que se completa a publicação pela Ática dos seus livros fundamentais. Aí, Sena reconhece que Pessoa obtém na sua poesia o maior conseguimento a que um artista pode aspirar: “Aquela unidade superior (...) do homem que pensa e sente, e do artífice que executa”. Ao mesmo tempo, aprofunda a teoria dramática da heteronímia, ou até a ideia de Adolfo Casais Monteiro de um romance heteronímico, afirmando que está em questão aquilo a que chama, e sublinha: “o próprio instinto dramático do *fluir da vida*”. E, nessa conferência, ainda acrescenta frases como: [Pessoa é] “um dos maiores mestres de liberdade e de tolerância que jamais houve” (SENA, 1982a: 73, 75, 81).

Ora, acontece que, dezoito anos mais tarde, em 1964, na já citada longa “Introdução ao *Livro do Desassossego*”, a tonalidade valorativa da sua

interpretação ensombrece muito. O tema da fundamental inexistência de um “eu”, que se vê substituído pelos “eus” de diferentes poetas, torna-se agora uma “negação de si mesmo” e uma verdadeira “ciência de *não-ser*”. Com uma agravante: revela-se “incapacidade de amar”, ou, mais, “incapacidade de desejar, a incapacidade para fundir, num mesmo impulso, o desejo e a ternura” (SENA, 1982a: 183). Como ilustração maior disso mesmo, e dado permanecer viva em Jorge de Sena a consciência de que Fernando Pessoa apenas é comparável a Camões, ele é definido, nessa comparação, não como o supra-Camões que talvez tivesse querido ser, mas como o não-Camões em que acaba por se tornar. Porque, na verdade, Pessoa ocupa nessa comparação todos os lugares da negatividade: Camões “não foi senão ele mesmo”, mas Pessoa é “não-ele-mesmo”; Camões tem no amor a sua força motriz, Pessoa é incapaz de amar; Camões é o pensamento vivo, Pessoa é a recusa do pensamento em estruturar-se. E conclui Jorge de Sena em “Introdução ao *Livro do Desassossego*”: “um escreveu para ser, e ser com uma intensidade que raros poetas no mundo se deram a si mesmos; o outro fê-lo para não ser, com uma persistência de suicídio em vida” (SENA, 1982a: 184). E, logo a seguir, emite um juízo de vasto alcance: “Pessoa não é, tenhamos paciência e ele postumamente também, um Dante, um Camões, um Goethe, ou o Shakespeare ou o Milton”. E dá uma razão clara: é que ele sofre de uma fundamental “incapacidade para a realização estética” (SENA, 1982a: 193).

Há também a considerar, neste ensaio sobre o *Livro do Desassossego*, um outro curioso elemento. É que Jorge de Sena supõe haver premeditação – mesmo que, paradoxalmente, inconsciente – na estratégia de publicação de Pessoa. Assim, ele teria, “por doentia consciência do inacabado, e por inconsciente cálculo malicioso”, jogado “no mistério e no fascínio do grande poeta inédito, com a lenda das arcas de onde não mais acabam de sair livros”. E acrescenta: “contraditoriamente, essa obra imensa que ficou inédita pouco ou nada acrescenta àquilo mesmo que, embora disperso durante mais de vinte anos em publicações eventuais, já estava publicado à data da sua morte” (SENA, 1982a: 196). Esta opinião é partilhada por outros, e reflecte a importância dos poemas publicados em vida. Mas alguém como Jorge de Sena, que tem ao seu dispor, ao longo de vários anos, centenas de manuscritos do *Livro do Desassossego* cuja edição é suposto preparar, bem sabe o que essa obra inédita viria acrescentar ao publicado antes. Aliás, acontece que, nesse mesmo ano de 1964 em que escreve a “Introdução” que estou a citar, recebe a notícia da descoberta na “arca dos papéis” de mais outras 100 folhas manuscritas destinadas ao *Livro*. Solicita o seu envio – mas não chega a recebê-las. E, cinco anos mais tarde, acaba por desistir da edição.

Todo este processo falhado em torno do *Livro* traz consequências. Primeiro, na profundidade de conhecimento que Sena tem de Pessoa, no sentido de lhe revelar até que ponto a sua obra inédita resiste à edição – é a isso que poderá estar a referir-se quando considera a tal “incapacidade para a realização estética”. Depois, revelando-lhe a complexidade e a variedade

da sua escrita, ligadas com a importância decisiva do trabalho editorial na constituição dos seus livros. Talvez seja até este embate com a materialidade singular dos textos de Pessoa que conduz Sena ao desencanto, apesar dos lampejos de gênio que encontra nos trechos do *Livro do Desassossego*. Está naqueles manuscritos um esboço de livro a todos os títulos excepcional, mas que não possui nem ordem nem definição, e se resume a uma substância sem forma. Não se pode afirmar que seja uma correlação de causa a efeito, mas é durante o trabalho de Sena sobre o *Livro do Desassossego* que se consuma a sua – pelo menos aparente – mudança na tonalidade valorativa de Pessoa. A partir de então, Sena passa a definir Pessoa como, mais do que um eu fictício, alguém que deliberadamente se suprimiu a si mesmo. Esta é a ideia central de uma certa comunicação a um congresso, em 1977, que pode representar, para Jorge de Sena, um gesto precursor do que Mário Cesariny publicará doze anos mais tarde como um ataque cerrado: *O Virgem Negra*. Dito de outro modo, Sena teria desencadeado o distanciamento em relação a Pessoa que, ao longo dos anos 80, se verifica por parte da (ou de alguma) intelectualidade portuguesa. O clímax dessa comunicação de 1977, cujo eloquente título é “O Homem que Nunca Foi”, exprime esse distanciamento com (talvez excessiva) clareza: “Imaginemos a imensa quantidade de prosa e verso, publicada ou inédita, escrita por esse homem que viveu apenas 47 anos. Se a estes anos subtrairmos, a mais do tempo de escrever tudo isso, o tempo gasto no café com os amigos, o tempo passado com a família e pessoas conhecidas, ou o tempo que se sabe que gastava em deambular um pouco por Lisboa acima e abaixo, e ainda o tempo que ele consumiu a suicidar-se com bebidas alcoólicas, quando foi que ele *viveu*? Nunca...” E é por isso que, como descreve Sena a seguir, nós ouvimos, ao ler a poesia dita ortónima, “ventos que passam por dentro de uma casa desabitada” (SENA, 1982b: 192). Fernando Pessoa – o ortónimo heterónimo – não passa de “uma casa desabitada”.

Por outro lado, aquela que veio a ser a última intervenção pessoana de Jorge de Sena, em 1978, “O ‘Meu Mestre Caeiro’ de Fernando Pessoa e Outros Mais”, nova comunicação a um congresso pessoano, assenta nessa outra ideia que se combina com a anterior, a de que Pessoa é incapaz de amar. O que, no caso do Mestre Caeiro, se vem a traduzir pelo voluntário “sacrifício de qualquer fruto do Amor, que não seja a fecundidade estéril da poesia mesma” (SENA, 1982b: 218), modo ultra-disfemístico de caracterizar a sua poesia. Muito embora, neste ensaio, seja luminosa a reconstituição que Jorge de Sena faz da biografia de Alberto Caeiro, chamando a atenção para detalhes da própria biografia de Pessoa que aí são integrados. Descobre, por exemplo, a identidade daquela “tia velha, tia-avó” com quem Caeiro vive no campo, e que seria a transposição de Maria Xavier Pinheiro, tia-avó materna, mulher culta e poeta, de quem fala elogiosamente ao poeta Armando Côrtes-Rodrigues; depois, que o número de anos de vida por Pessoa atribuídos a Alberto Caeiro é igual ao dos anos que vivera o seu melhor amigo, Mário de Sá-Carneiro, suicidado com 26 anos quase completos; e, enfim, que a tuberculose que vitima Caeiro é a mesma doença

que rouba o pai a Pessoa quando ele tem cinco anos – havendo ainda um pormenor de relevo: são também cinco os “anos fictícios de actividade poética (1911-1915) que Pessoa atribuiu ao seu Mestre Caeiro” (SENA, 1982b: 219). E, em tudo isto, há uma surpreendente identificação. É como se Jorge de Sena fosse capaz de tornar sua a obra de Pessoa, ao ponto de vê-la por dentro. Do que resulta uma configuração genética dela, quase uma psicografia do criador oculto – na verdade, a última homenagem de um poeta a outro poeta.

3. A grandeza de uma obra.

A interpretação da heteronímia por Jorge de Sena parte da concepção presencista que comecei por referir. Nesse contexto, se os heterónimos são supostos emergir da personalidade de Fernando Pessoa, se eles correspondem a uma ideia de “multiplicação objectiva da subjectividade”, ou, ainda, a uma “necessidade de encher, com gente mais real que a gente real, a solidão e o vazio” (prefácio de 1974 aos *Poemas Ingleses* – in SENNA, 1982b: 105), a sua seria uma história de herói romântico negativo, e não a de um moderno.

No entanto, este “herói romântico negativo” não oferece bem, em Jorge de Sena, uma figuração crítica paralela à do citado *Virgem Negra* de Mário Cesariny – que é uma sátira tanto mais violenta quanto combina uma mistura explosiva de poesia e política, conjugada com uma estratégia de valorização retroactiva de Teixeira de Pascoaes contra Pessoa. Em Jorge de Sena, o entendimento dos vários ângulos de uma poética e de uma história textual tão extravagantes como as de Pessoa assenta, do primeiro ao último momento, como já referi, nos mesmas intuições interpretativas que expõe na citada “Carta a Fernando Pessoa”. Se, por um lado, Sena vê nos heterónimos “uma desesperada defesa contra o vácuo que [...] sentia em si próprio e à sua volta” – recusa, por outro lado, que os heterónimos sejam “personagens independentes” dele. Além disso, afirma a grandeza de Pessoa com todas as letras: “V. não foi um mistificador, nem foi contraditório. Foi complexo, da pior das complexidades – a sensação do vácuo dentro e fora. V. não foi um poeta do Nada, mas, pelo contrário, poeta do excessivamente tudo, do excessivamente virtual, de toda a consciência trágica da probabilidade, que a crença no Destino não exclui” (Sena, 1982a: 27-28). Sena, afinal, vê em Pessoa um moderno, sem dúvida, e mesmo o maior dos modernos.

Para o compreender melhor, podemos ler num pequeno artigo sobre Rimbaud, publicado em 1954 no *Comércio do Porto*, o seguinte: “a grandeza de uma obra deve tudo a uma capacidade de grandeza que em seu criador havia”. Esta ideia, a de uma essencial “capacidade de grandeza” do homem antes da obra, justifica, no caso limite de Rimbaud, uma reinterpretção do seu célebre abandono da poesia, que, em vez de ser vista como uma espécie de traição, passa a ser compreendida como um sacrifício: “É o sacrifício de tudo o que releva do convívio, da bondade, do amor, da paixão, do

conhecimento, da criação de beleza, à conquista de um ‘pudor’ definitivo” (SENA, 1961: pp. 112-113). Ora, é neste mesmo sentido que podemos ler o reconhecimento de Pessoa como, afinal, tudo menos um poeta falhado ou menor. Sena escreve assim na “Introdução ao *Livro do Desassossego*”: “uma coisa é ser-se o poeta da negação e muito outra a negação de um poeta, apesar de quanto, para que aquela negação tenha realização estética, o poeta tenha que usar de meios negadores do que tradicionalmente se entenda que um poeta é” (SENA, 1982a: 193-194). De resto, o *Livro do Desassossego* é o livro (mesmo que Sena não coloque a questão epistemológica que o uso dessa palavra coloca) “que mais completamente representa a dramaticidade dolorosa da negação a que ele dedicou a sua vida” (SENA, 1982a:197).

Depois, é no final dessa mesma “Introdução” que se delineia o mais negro dos ícones: Pessoa suicida-se “heterónimo a heterónimo, nos descampados da alma”, cumprindo um “suicídio exemplar, executado a frio, durante vinte e cinco anos de poesia” (SENA, 1982a: 242). Isto é, Pessoa é aquele que faz, na sua poesia, “a medonha demonstração de que o homem existe pelos seus actos e não é outro senão eles, e que não existe, *senão como ficção*, quando, em lugar de aceitar *ir sendo*, escolhe fixar-se na pedagogia monstruosa de ser por conta alheia, de perder-se na ‘floresta do alheamento’” (*id.: ibid.*). Mas, neste ponto crucial, Jorge de Sena percebe em Pessoa o mesmo gesto que transmuta Rimbaud em mito fundador da poesia moderna. É que, sem o seu sacrifício, “jamais nos descobriríamos como um não-ser que se realiza, se não tivesse havido este ser, chamado Fernando Pessoa, que se desrealizou.” Assim, um poeta que começa por ser iluminado pela mais negra das luzes (o vazio, o estéril, o suicidado) pode vir a participar daquela que é a experiência suprema de Rimbaud, que se descreve a si mesmo, em “Les Déserts de l’Amour”, nestes termos: “il ne fit que s’amener à la mort comme à une pudeur terrible et fatale” (*apud* SENNA, 1961: 113). E esse pudor é o sinal de uma aventura solitária sem concessões.

Este tema vai regressar com uma ofuscante clareza no *gran finale* daquele mesmo artigo que parece constituir a mais violenta das diatribes contra Pessoa, “O Homem que Nunca Foi”. No termo de uma descrição do vazio da sua vida e da sua natureza de pobre fantasma, eis as duas últimas frases do texto: “E como todos os grandes poetas, e ele era mais do que só um, Pessoa estava – como Nietzsche proclamou no mais nobre sentido – para lá do Bem e do Mal. Não como um terrorista irresponsável, mas como um homem que se sacrificara, qual um Cristo, na cruz de ser palavras, palavras, palavras... por amor da humanidade” (SENA, 1982b: 193). Este tom não parece tingido de qualquer ironia, o que, decerto, não poderia ocorrer no momento culminante de uma exegese de tão implacável lucidez. De tal modo que esta imagem crística projecta a mais alta figura de poeta, com os traços de uma entrega ao “amor da humanidade” e ao amor pelas palavras. Em vez de um homem de palha que evita o risco de viver em seu próprio nome, ou de um mártir de qualquer confissão obscura, esta ideia do *sacrifício* de Pessoa sugere uma experiência poética dos limites do humano.

“O Heterónimo Fernando Pessoa”, in *A Crítica de Jorge de Sena*, coord. Joana Meirim e Joana Matos Frias, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

REF.:

BERTOLAZZI, Federico (2010), *Noite e Dia da Mesma Luz. Aspectos da Poesia de Eugénio de Andrade*, Lisboa, Colibri.

PESSOA, Fernando (1942), *Poesias*, ed. João Gaspar Simões e Luís de Montalvor, Lisboa, Ática.

PESSOA, Fernando (2012), *Teoria da Heteronímia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.

SENA, Jorge de (1961), “O Poeta É um Fingidor”, Lisboa, Ática.

SENA, Jorge de (1982a), *Fernando Pessoa & Companhia Heterónima*, I volume, Lisboa, Edições 70.

SENA, Jorge de (1982b), *Fernando Pessoa & Companhia Heterónima*, II volume, Lisboa, Edições 70.